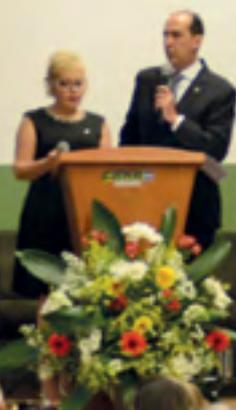


JORNAL DO ENGENHEIRO Agrônomo

ANO 45, Maio/Junho de 2017, nº295



ENTREVISTA

O pesquisador Afonso Peche Filho fala sobre sistemas sustentáveis de gestão

CELEBRAÇÃO

Cerimônia Deusa Ceres reúne a nata da agronomia em Ribeirão Preto

Matéria de Capa **6**

Cerimônia Deusa Ceres



Ainda contagiado pelo brilhantismo da Deusa Ceres, cerimônia realizada na Agrishow pela quinta vez consecutiva, novamente agradeço a presença dos que lá estiveram e prestigiaram esse evento tão marcante para a agronomia paulista.

A finalidade dessa importante festividade é enaltecer os profissionais que se destacam nos mais diversos setores relacionados à agricultura, mobilizando o comparecimento de autoridades federais, estaduais e municipais. A premiação também conta com a presença significativa de colegas de profissão, de familiares e amigos dos homenageados, de convidados, de pessoas das áreas de comunicação, dos nossos apoiadores e patrocinadores. Cabe citar, ainda, a presença e o trabalho efetivo dos diretores, conselheiros e colaboradores da AEASP, que se dedicam, dentro de comissão específica, na realização anual dessa atividade estatutária. Reitero a enorme satisfação e o dever de agradecer de modo efusivo a todos que contribuíram com o êxito dessa festa.

Quero repetir o pedido já feito para que a categoria agrônoma paulista se envolva e participe ativamente das causas relativas à nossa profissão. A carreira de engenheiro agrônomo está ameaçada por um grande número de procedimentos institucionais e projetos de lei que, se concretizados, afetarão e influenciarão de modo significativo o exercício da profissão.

Lembro que jamais deixaremos de lutar no Congresso Nacional para impedir a iniciativa de organizações que representam profissões correlatas à agronomia e que insistem em estabelecer reserva de mercado, avançando sobre as nossas atribuições garantidas por leis.

Irmanados com federações e associações estaduais, no âmbito da Confaeab, já marcamos posições e nos defenderemos. Não estamos preocupados só com a defesa da engenharia agrônoma, mas, sobretudo, com a defesa dos interesses nacionais.

Isto custa à AEASP muita atenção, trabalho e dedicação. É importante que, no tocante a esse tema, haja a participação de todos os colegas do nosso Estado. Vejo como único caminho o engajamento associativista, dentro da nossa representação estadual.

Este JEA registra momentos da Deusa Ceres e aborda importantes matérias onde a Engenharia Agrônoma atua como responsável na alimentação e sustentabilidade do planeta.

Boa leitura!

Engenheiro agrônomo Angelo Petto Neto

Entrevista **12**

Afonso Peche Filho

Tendências **16**

A olivicultura tem futuro no Brasil?

Notícias agro **3**

Artigo | Antonio Roque Dechen **4**

Artigo | Túlio Teixeira de Oliveira **5**

Artigo | Mário Von Zuben **14**

Parabólica **15**

Um livro, uma trajetória

A AEASP e o Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, farão uma homenagem ao engenheiro agrônomo Eduardo Castanho Filho, falecido em fevereiro deste ano. No evento que deve se realizar no fim do mês de junho, será lançado o livro *São Paulo: do desmatamento às novas fronteiras: 1980-2015*. A obra foi organizada por Castanho e por Mário Olivette e contou com a colaboração de vários engenheiros agrônomos. Formado pela ESALQ, em 1970, com pós-graduação em economia pela Unicamp e planejamento rural pela Universidade Montpellier, Drepo, como era conhecido entre os colegas de turma, acumulou vasta experiência em pesquisas e serviços relacionados ao meio ambiente e políticas públicas, sendo pesquisador

científico do IEA por 40 anos. O profissional ainda exerceu cargos de alto nível em governos e em entidades associativas, foi chefe de gabinete da Secretaria de Economia e Planejamento, criador e diretor-executivo da Fundação Florestal e diretor da AEASP na década de 1980.

O livro expõe a história do uso do solo paulista nas últimas quatro décadas, como premissa se São Paulo estaria passando por um processo de transição florestal, baseado em trabalhos da ONU e outras instituições. Trata-se de uma obra abundante em avaliações críticas, que abordam intrinsecamente os novos paradigmas que surgiram nesse vasto e polêmico campo do conhecimento, entre os quais o denominado conceito de sustentabilidade.



Despedida

A AEASP presta honras aos colegas que nos deixaram e oferece condolências às suas famílias

Carlos Clemente Cerri, pesquisador e ex-diretor do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA/USP) faleceu no dia 21/4/2017 em Piracicaba (SP). Cerri ficou bastante conhecido por colaborar com o Intergovernamental Painel Changing on Climate (IPCC) – nome original do relatório conhecido como Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas aqui no Brasil – que resultou nada menos do que o Nobel da Paz de 2008 para o ex-vice presidente dos Estados Unidos, Al Gore.

Ele publicou mais de 250 artigos científicos em revistas indexadas nacionais e do exterior, 40 capítulos de livros no Brasil e no exterior e foi editor de seis livros. Coordenou mais de 60 projetos de pesquisa com recurso do Brasil (Fapesp, CNPq, Capes, Finep, Petrobras) e do exterior (Nasa, NSF, IAEA, GEF, European Unit). Proferiu centenas

de palestras. Em 1997, foi homenageado com a Medalha Fernando Costa, pela AEASP.

Faleceu no dia 17 de maio de 2017, aos 68 anos, em Taubaté (SP), o engenheiro agrônomo Perfeto Testa Marchi. Nascido em Serra Negra (SP), em 18 de maio de 1948, era casado com a também engenheira agrônoma Lia de Oliveira Santos Marchi, ambos formados pela Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Pinhal, em 1973. Ingressou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, em 27 de dezembro do mesmo ano junto ao Posto de Sementes de Taubaté, onde trabalhou por toda a sua vida profissional com a cultura de arroz. Foi diretor por quase 20 anos e aposentou-se em março de 2009. Deixa esposa, dois filhos, netos, irmãos e muitos amigos.

CATI: meio século de vida

Como parte das ações pela comemoração dos 50 anos da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), foi lançado o portal comemorativo voltado aos 50 anos da instituição. O site traz depoimentos, histórias e fotos, além de outras dezenas de informações. A Cati atinge seu cinquentenário no próximo dia 20 de junho. O portal pode ser acessado pelo link <http://50anos.cati.sp.gov.br/> e reúne depoimentos, fotos históricas, artigos, textos jornalísticos e vídeos sobre as ações mais relevantes do órgão.

Novo desafio

O ex-diretor da AEASP Otávio Machado Menten, professor doutor da ESALQ/USP, assumiu o comando da Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Sedema) de Piracicaba (SP). Ele substituirá Rogério Vidal, que, de acordo com a prefeitura, deixou o cargo em razão de problemas de saúde. Menten tem 65 anos, é formado em engenharia agrônoma pela ESALQ, com pós-doutorado na Holanda, Dinamarca e Inglaterra. É professor associado da USP, membro do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS) e do Conselho Superior do Agronegócio (Cosag). Ele foi homenageado pela AEASP com a Medalha Fernando Costa em 1999.

Sustentabilidade: caminho sem volta

Por
Antonio Roque Dechen

O Relatório Brundlandt, de 1987, chamou a atenção da sociedade definindo sustentabilidade como a utilização de recursos para atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras em atender às suas próprias necessidades.

O Brasil destaca-se no cenário internacional como grande produtor de alimentos, fibras e energia, com grande preocupação com a sustentabilidade e o manejo adequado da água e dos recursos ambientais. A previsão de 230 milhões de toneladas de grãos é prova concreta do desempenho positivo do agronegócio brasileiro.

A preocupação com a sustentabilidade no Brasil remonta a D. Pedro II, que instituiu decretos para a implantação dos Institutos Imperiais Agrícolas, que eram responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura no Brasil e também pela implantação de escolas de agronomia e, dessa forma, promover a produção agrícola de forma sustentável.

Em Piracicaba, o pioneiro em sustentabilidade foi Luiz Vicente de Souza Queiroz, empresário e grande empreendedor com vivência internacional e que, nos anos 1880 e 1890, era proprietário de uma fábrica de sacarias de algodão, a Fábrica de Tecidos Santa Francisca, equipada com 50 teares e 70 operários. Luiz de Queiroz, já naquela época, estava tendo problemas com a produção de algodão e percebeu que seria necessária uma escola para formar agrônomos e, com a aplicação de tecnologia, manter a produção

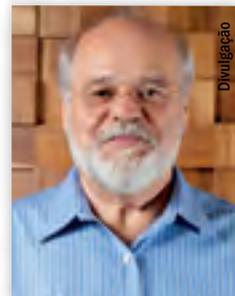
de algodão e ter matéria-prima para a sua indústria. Adquiriu então a Fazenda São João da Montanha e a doou ao governo do Estado de São Paulo com o compromisso de que fosse instalada uma escola agrícola, a primeira do Estado, e que se transformou em um grande centro de desenvolvimento da agricultura no Brasil e é hoje reconhecida internacionalmente.

Nos últimos 50 anos, assistimos à Revolução Verde de Norman Borlaug, à conquista dos cerrados com tecnologia agrícola e à revolução do plantio direto. O Brasil agrícola cresceu, mostrou seu potencial e é reconhecido mundialmente pela sua expressiva produção.

Hoje, a temática é a sustentabilidade econômica, social e ambiental, amparada no conhecimento e na tecnologia. Nesse contexto, a Fundação Agrisus, iniciativa da família do engenheiro agrônomo Fernando Penteado Cardoso, completou 16 anos no mês de abril, tendo já apoiado 913 projetos voltados à agricultura sustentável.

A sustentabilidade é um caminho sem volta; muito se fez e muito se tem por fazer. 🚀

**Antonio Roque Dechen é presidente da Fundação Agrisus e presidente do Conselho Científico de Agricultura Sustentável (CCAS)*



Associação de
Engenheiros Agrônomos
do Estado de São Paulo
<http://www.aeasp.org.br>

Filiada a Confederação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil

GESTÃO PARA O TRIÊNIO 2015 – 2018

Presidente Angelo Petto Neto
1º Vice-Presidente Henrique Mazotini
2º Vice-Presidente Arlei Arnaldo Madeira
1ª Secretária Ana Meire Coelho Figueiredo
2ª Secretária Taís Tostes Graziano
1º Tesoureiro Tulio Teixeira de Oliveira
2º Tesoureiro Luís Alberto Bourreau
Diretor Celso Roberto Panzani
Diretora Francisca Ramos de Queiroz
Diretor Glauco Eduardo Pereira Cortez
Diretor Luiz Henrique Carvalho
Diretor Luiz Ricardo Viegas de Carvalho
Diretor Nelson de Oliveira Matheus

CONSELHO DELIBERATIVO

Alexandre Vieira Abbud
Antonio Roque Dechen



Órgão de divulgação da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo

Benedito Eurico das Neves Filho
Cristiano Walter Simon
Fernando Gallina
Guilherme Luiz Guimarães
João Sereno Lammel
José Eduardo Abramides Testa
Luís Roberto Graça Favoretto
Luiz Antonio Pinazza
Luiz Mário Machado Salvi
Marcos Fava Neves
Valdemar Antonio Demétrio
Victor Branco de Araújo
Zuleica Maria de Lisboa Perez

CONSELHO FISCAL

André Luis Sanches
Cássio Roberto de Oliveira
Celso Luís Rodrigues Vegro

Suplentes

Alexandre Marques
André Amosti
Mauro Celso Sandoval Silveira

Conselho Editorial

Ana Meire C. Figueiredo, Angelo Petto Neto, Arlei Arnaldo Madeira, Celso Roberto Panzani, Henrique Mazotini, Luis Alberto Bourreau e Taís Tostes Graziano

Coordenação

Nelson de Oliveira Matheus
Tulio Teixeira de Oliveira
Jornalista Responsável
Adriana Ferreira (MTB 42376)
Secretária: Alessandra Copque
Produção: Acerta Comunicação
Revisão: Verônica Zanatta
Diagramação e Ilustração: André Pitelli
Foto capa: Luciano Momesso
Projeto gráfico: Janaina Cavalcanti

Envie mensagens com sugestões e críticas para a editora: redacaojea@aeasp.org.br

Os artigos assinados e opiniões expressas nas matérias e entrevistas deste veículo não refletem os posicionamentos da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo.

Reavaliação agronômica III

Por

Tulio Teixeira de Oliveira

Após a segunda reunião da Comissão Técnica, foram disparados os Atos de números 71 (dez/2016) e 05 (jan/2017), que suspenderam as recomendações de uso para a ferrugem da soja de 62 produtos, pois não apresentaram defesa.

Dos 57 produtos que apresentaram defesa, 38 foram suspensos, por não terem razoável eficiência. As defesas apresentadas com base em manejo não tiveram êxito, porquanto foram arquitetadas apenas em práticas de campo, sem uma comprovação de experimentos conduzidos com metodologia científica, apesar de terem sido apresentados pareceres de renomados especialistas. Para esses casos, esses estudos poderão ser realizados nas safras de 2017/2018 e 2018/2019 e apresentados à Comissão Técnica. Caso não sejam convincentes, a recomendação será cancelada.

A Nota Técnica 6 do MAPA, do fim de março, consolida e oficializa todas essas decisões. Enfim, sobraram 19 produtos para utilização pelos agricultores. Todavia, nem todos funcionarão em condição de alta pressão da doença, por isso esses produtos terão que readequar as bulas para alertar sobre essa situação.

Como as empresas que desenvolvem novas moléculas informaram que não existe nada de novo com real desempenho para ser lançado nos próximos anos, a situação para as próximas safras pode ter contornos dramáticos, no que concerne à infestação do fungo *Phakopsora pachyrhizi*.

A par dos defensivos agrícolas, estão sendo tomadas outras medidas pelos sojicultores. Uma das mais importantes é utilizar cultivares mais precoces, semeadas no início da época recomendada para cada região, e evitar o prolongamento do período de semeadura. Claro que é mais fácil dizer do que fazer, pois existem os contratempos e as imprevisibilidades climáticas. Chove... não chove. Se existirem cultivares com algum nível de resistência ao fungo, use-as.

Uma vez instalada a lavoura, é necessário vistoriar com frequência, torcendo para não surgirem os "flecks", pontinhos de tom verde claro a acinzentado nas folhas ou mesmo nos ramos. Melhor usar lupa. Um fungicida esporicida pode diminuir a população desses inóculos. Depois dessa fase, o fungo libera estruturas para colonizar os tecidos da planta. As manchas agora têm cores claras e logo depois amareladas. Por fim, a tonalidade é de um amarelo ferruginoso, daí o nome da doença.

Se houver temperatura entre 14 a 28 °C e umidade alta, o alastramento será rápido. O uso de defensivos com modos de ação diferenciados é fundamental na batalha para barrar o avanço da colonização.

O Paraná já adotou uma medida, digamos impopular, mas diante da situação é de todo necessária. Proibiu a safrinha de soja, que é mais uma ponte para propagar a doença. Agora, é preciso impor

essa medida aos demais Estados que plantam soja. O que adianta o Paraná fazer isso se Santa Catarina não fizer? É penosa essa adaptação, porém, talvez a próxima safra esteja sendo salva e, ao mesmo tempo, seria como uma oportunidade para alavancar outras culturas. Outra providência bem eficaz é o Vazio Sanitário, ou seja, aquele período de 60 a 90 dias sem soja e sem outras plantas hospedeiras como alfafa, crotalária, feijão-fava, feijão-de-lima, feijão-caupi, feijão-fradinho, tremoço e trevo. Uma nova campanha da necessidade e importância dessa regra deve ser implantada e a fiscalização atuar firmemente. Como a soja atravessa diversos Estados, atenção redobrada nas áreas fronteiriças. Não adianta um Estado ser rigoroso e seu vizinho, condescendente.

Vejam na tabela os produtos que passaram pelo crivo da Comissão Técnica e, portanto, continuam com recomendação para o controle da ferrugem da soja. 🌱



GRUPO QUÍMICO	MARCAS COMERCIAIS
Triazol	Aproach Prima
Triazol + Triazol	Cypress 400 EC
Triazol + Clorotalonil	Fezan Gold
Triazol + Estrobilurina	Fagot, Horos, Monaris, Nativo, Primo, Priori Xtra, Sphere Max
Triazol + Estrobilurina + Carboxamida	Ativum EC, Locker
Estrobilurina + Carboxamida	Orkestra SC
Estrobilurina + Triazolinthione	Fox
Estrobilurina + Ditiocarbamato	Unizeb Glory
Ditiocarbamato	Unizeb Gold, Emzeb 800 WP
Azoxistrobina + Benzovindiflupyr	Effort, Elatus

Em tempo: enquanto a Comissão trabalhava, foram aprovados e registrados dois produtos contendo um novo tipo de Estrobilurina.

Triazol + Estrobilurina (metomistrobina)	Fusão e Fusão EC
--	------------------

*Eng. Agr. Tulio Teixeira de Oliveira, diretor-executivo da AENDA
www.aenda.org.br | aenda@aenda.org.br



OS MELHORES

Cerimônia Deusa Ceres, realizada pela AEASP, lota auditório para homenagear os profissionais da agronomia

Por

Sandra Mastrogiacomio

A conhecida premiação da Deusa Ceres, organizada pela Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP), ocorreu no dia 3 de maio, durante a Agrishow 2017, no auditório do Centro de Cana do IAC/Apta, em Ribeirão Preto (SP).

Em sua 45ª edição, a solenidade reconheceu os engenheiros agrônomos que contribuíram para o desenvolvimento das atividades que compõem o agronegócio, em seus diversos segmentos, durante o ano de 2016. O prêmio principal, de Engenheiro Agrônomo do Ano, foi concedido a José Carlos Gonçalves, um dos mais importantes produtores de café do país e pioneiro na produção e processamento do abacate.

Além de amigos e familiares dos homenageados, estiveram presentes lideranças do setor de agronegócios e autoridades, como o secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Arnaldo Jardim; o coordenador do Centro de Agronegócio da FGV/EESP, Roberto Rodrigues, e o presidente do Crea-SP, Vinicius Marchese Marinelli, dentre outros.

Rodrigues, que prestigia o evento todos os anos, declarou: "Acredito que a agricultura é a atividade que vai levar o país para o primeiro mundo. A agricultura só tem sucesso com profissionais motivados, e a Deusa Ceres é um mecanismo de motivação para os engenheiros agrônomos".

O presidente do Crea-SP, Vinicius Marchese, destacou a importância dos profissionais da agronomia: "É fundamental o Crea estar em um evento que homenageia pessoas tão importantes para o agronegócio, que é um dos setores mais vitais para a eco-

nomia do país. O Crea tem de estar presente para agradecer aos profissionais desse setor".

Este ano, a AEASP criou a Categoria Personalidade Agrônômica, na qual homenageou o secretário da Agricultura e Abastecimento, Arnaldo Jardim. O presidente e os vice-presidentes da AEASP, Angelo Petto Neto, Henrique Mazotini e Arlei Arnaldo Madeira, respectivamente, se uniram a Eduardo Nascimento Alencastre e Callil João Filho, presidente e diretor administrativo da Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto (AEAARP) para entregarem as placas ao secretário, em reconhecimento ao seu compromisso com o agronegócio e por seu trabalho à frente da pasta.

Surpreso, Jardim disse: "Sou treinado para me virar em solenidades e circunstâncias, mas não fazia ideia sobre esta homenagem. Fui pego de surpresa e estou absolutamente grato. Não sei se mereço". Ele reverenciou o ex-ministro Roberto Rodrigues, a quem disse admirar, e mencionou a alegria em conviver com o presidente da AEASP, Angelo Petto Neto. Também enalteceu a sua equipe na Secretaria da Agricultura e observou que vários dos premiados atuam na pasta.

"Quando fui indicado para assumir a Secretaria da Agricultura, tomei um puxão de orelha de alguns porque sou engenheiro civil. E com razão, mas encarei como um desafio. Um momento extraordinário aconteceu há um ano, quando fui paraninfo da ESALQ e, de certa forma, foi meu batismo na agronomia. Muito obrigado a todos vocês", finalizou.



Jovino Paulo Ferreira
Neto



Simon Johannes Maria
Veldt



Mario Sérgio Tomazzella



Antônio Batista Filho



Taís Tostes Graziano



Engenheiro Agrônomo do Ano

Por sua importante atuação na cafeicultura brasileira e por seu empreendedorismo, o engenheiro agrônomo mineiro José Carlos Gonçalves recebeu a láurea máxima da Cerimônia da Deusa Ceres, de Engenheiro Agrônomo do Ano. O presidente da AEASP, Angelo Petto Neto, juntamente com Aldir Alves Teixeira, premiado como Engenheiro Agrônomo do Ano em 2016, e o secretário da Agricultura, Arnaldo Jardim, entregaram a estatueta ao homenageado. Gonçalves agradeceu à AEASP pela homenagem e mencionou os nomes de amigos e colegas de trabalho que fizeram parte de sua história profissional, além da família. "Procurei viver tudo aquilo que aprendi. Como profissional que trabalha o solo e o homem ligado ao sistema produtivo, quero falar de filosofia, sorte, intuição e amor. A minha sorte começou quando fui estudar em Piracicaba, onde fiz parte da Turma de Ouro da ESALQ, e continuou quando fui trabalhar em Campinas, com a cultura do café, ao lado de uma excelente equipe", recordou o agrônomo.

Gonçalves falou sobre os altos e baixos da cafeicultura paulista e o programa de renovação do setor, do qual fez parte. Ele conta que o programa fortaleceu a produção cafeeira e alavancou sua carreira. Durante seu discurso, o profissional revelou o seu recente trabalho em uma inovação técnica, que pode ser considerada uma das maiores nos últimos anos no setor de café. "É a secagem estática do café, que vai aumentar ainda mais as vantagens da agricultura brasileira, desde que não percamos o foco na sustentabilidade. Tenho a certeza de que o café ainda continuará, por muito tempo, a criar riquezas para os brasileiros."

O Engenheiro Agrônomo do Ano ainda falou sobre a intuição que teve de começar a estudar e a plantar abacate, enfatizando os benefícios da fruta e a produção de óleo que também realiza em sua empresa. Ele encerrou a fala declarando seu amor à agronomia e à esposa, Rosa.

Medalha Fernando Costa

Criada em 1991, a Medalha Fernando Costa é uma homenagem ao engenheiro agrônomo, ex-secretário da Agricultura de São Paulo e ex-ministro da mesma pasta, fundador do Instituto Biológico e do Parque da Água Branca, Fernando de Souza Costa. O agrônomo também realizou pesquisas de exploração de petróleo, criou o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas, os Serviços de Informação Agrícola e Economia Rural, além de impulsionar a cultura do trigo.

Os prêmios que levam o nome dessa importante figura foram entregues aos seguintes engenheiros agrônomos: Categoria Ação Ambiental, Roberto Mello de Araújo; Categoria Assistência Técnica e Extensão Rural, Jovino Paulo Ferreira Neto; Categoria Cooperativismo, Simon Johannes Maria Veldt; Categoria Defesa Agropecuária, Mario Sérgio Tomazzela; Categoria Ensino, Marcos Fava Neves; Categoria Iniciativa Privada, Lincoln Hiroshi Miike, e Categoria Pesquisa, Antônio Batista Filho.

Reconhecido por sua atuação na área ambiental, Roberto Mello de Araújo é gerente sênior da Unidade de Proteção de Cultivos da Basf na área de comunicação, marketing digital e sustentabilidade para a América Latina. Ele também preside o Conselho



Lincoln Hiroshi Miike



Marcos Fava Neves



Roberto Mello de Araújo



José Hamilton Ribeiro



○ Engenheiro Agrônomo do Ano, José Carlos Gonçalves, em seu discurso de agradecimento

Diretor do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (InpEV). A entrega da Medalha Fernando Costa Categoria Ação Ambiental a Araújo foi realizada pelos colegas Luis Alberto Bourreau e Luiz Mário Machado Salvi.

Em seu discurso, o profissional se disse lisonjeado e agradeceu: “É um grande desafio trabalhar como agrônomo, determinado a comprovar que sustentabilidade e conservação ambiental podem caminhar ao lado do desenvolvimento econômico e da produção agrícola, gerando riqueza, emprego e renda para o país”.

O diretor-técnico da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI-SAA), Regional Guaratinguetá, Jovino Paulo Ferreira Neto, recebeu a Medalha Fernando Costa na Categoria Assistência Técnica e Extensão Rural das mãos dos engenheiros agrônomos Nelson de Oliveira Matheus Junior e Victor Branco de Araújo. Jovino fez questão de mencionar os colegas da CATI, da Secretaria de Agricultura e os agricultores do Vale do Paraíba, além da esposa e as três filhas. “O que mais posso querer como profissional do que ter a oportunidade de trabalhar em extensão rural, que sempre foi o meu desejo de estudante, e ainda estar sendo homenageado nesta honrosa solenidade? Quero agradecer a Deus por me dar força física e espiritual e aos meus pais que me ensinaram que o trabalho honesto é sempre o vencedor”, disse. Ele conclui declamando o trecho de uma moda caipira da dupla Raul Torres e João Pacífico.

O engenheiro agrônomo Simon Johannes Maria Veldt foi contemplado por suas realizações na área de cooperativismo. Em seu discurso, ele resumiu o início de carreira, ao lado do pai, o ingresso no setor cooperativista e o longo caminho percorrido. Simon agradeceu à AEASP e fez questão de manifestar sua emoção por ter recebido o prêmio pelas mãos de Roberto Rodrigues, em suas palavras, um grande homem.

“São mais de 20 anos no cooperativismo, que é uma ideia que sempre defendi. Ter sido reconhecido só demonstra que o setor da agronomia está valorizando as cooperativas”, disse o presidente da Cooperativa Agroindustrial Holambra II.

Na Categoria Defesa Agropecuária, o homenageado foi o engenheiro agrônomo Mario Sérgio Tomazzela. Ao receber a medalha, entregue pelos membros da diretoria da AEASP, Ana Meire

Figueiredo e Celso Roberto Panzani, o coordenador adjunto da Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, destacou os seus 23 anos à frente do órgão, agradeceu à família, em especial à esposa, aos colegas de trabalho, ao secretário de Agricultura, Arnaldo Jardim, e ao presidente da AEASP, Angelo Petto Neto.

“Recebi a notícia desta homenagem com muito orgulho e alegria pelo carinho da AEASP. Este prêmio agora é uma marca importante para meu desenvolvimento profissional. Todo dia a defesa agropecuária é desafiada e quem atua na área tem que ser estrategista. Mas o grande desafio do setor é agregar as cadeias agropecuárias. Trabalhá-las como um todo. Se isto for feito, conseguiremos avançar muito, não somente na agricultura paulista, mas no Brasil inteiro”, resumiu Tomazzela.

Ao receber a medalha na Categoria Ensino, entregue pelos colegas de profissão, Cristiano Walter Simon e Taís Tostes Graziano, o engenheiro agrônomo Marcos Fava Neves agradeceu aos responsáveis por sua indicação ao prêmio, à família e aos amigos, e discorreu sobre os desafios da área de educação. Fazendo jus ao título de professor, ele propôs ao auditório uma reflexão por meio de quatro palavras: valor, compartilhamento, captura e criação.

Há 20 anos, o engenheiro agrônomo Evaristo Marzabal Neves, pai de Marcos, recebeu a mesma medalha, e ele fez questão de destacar a feliz coincidência. “É uma honra compartilhar este prêmio com o meu pai. Recebi a notícia da indicação com muita alegria porque gosto e prezo as tradições. Ser escolhido para este prêmio tem um valor enorme para mim, pois tenho dedicado minha vida à área de ensino e educação, baseado nessa filosofia de trabalhar e gerar valor”, sintetizou o professor.

O engenheiro agrônomo Lincoln Hiroshi Miike construiu uma carreira promissora como empresário, é o fundador das empresas Vetquímica e Ambientec e sócio das Protec, Nacional Frutas, Eco-grapes, Vinor Agronegócio e GPD Vetquímica. Ele foi homenageado na Categoria Iniciativa Privada. O profissional subiu ao palco acompanhado por Luis Roberto Graça Favoretto e Benedito Eurico das Neves Filho, membros do Conselho Deliberativo da AEASP, que lhe entregaram a láurea. Emocionado, Miike agradeceu a Deus e aos familiares e amigos, que compareceram ao evento para pres-

tigiá-lo. “É uma honra muito grande. Não esperava este prêmio. Casei, tive filhos, escrevi um livro e recebi esta linda homenagem, esta honraria da minha classe. Só tenho a agradecer.”

O diretor-geral do Instituto Biológico (IB), Antônio Batista Filho, foi contemplado na Categoria Pesquisa. Eufórico com a homenagem, ele recordou o tempo em que trabalhava com seu pai, produtor rural, e de como decidiu cursar ciências agrárias na ESALQ-USP. Agradeceu à família, aos amigos e colegas de profissão. E destacou a importância do trabalho em equipe: “Sem equipe, a gente não consegue fazer nada e, se fizer, será muito pouco. Finalizo com um pensamento que desconheço a autoria, mas que representa o meu sentimento: ‘O ideal custa uma vida, mas ele vale a eternidade’”.

Medalha Joaquim Eugênio de Lima

A Medalha Joaquim Eugênio de Lima é uma referência ao engenheiro agrônomo de mesmo nome, que foi responsável pelo loteamento e projeto paisagístico da Avenida Paulista, inclusive do Parque Trianon, entre outras realizações. O prêmio foi criado com o intuito de destacar a participação dos engenheiros agrônomos na área de paisagismo.

Nesta edição, a homenageada foi a engenheira agrônoma Taís Tostes Graziano, doutora em fisiologia vegetal, ex-professora da Unesp e pesquisadora aposentada na área de floricultura e plantas ornamentais do Centro de Horticultura do IAC.

Com a voz embargada, ela falou sobre a alegria de ser reconhecida pelo seu trabalho e fez questão de compartilhar a premiação com as pessoas que a ajudaram em sua jornada. “Durante esse percurso, posso dizer que formei muitos alunos. Orientei pesquisas e estágios. Projetei e executei muitos jardins. Pesquisei as plantas ornamentais, procurando formas mais eficientes de cultivá-las”, resumiu.

A engenheira agrônoma disse, ainda, que os três pilares que sustentaram a sua vida são família, amigos e trabalho. E, emocionada, agradeceu aos pais, aos filhos e aos amigos, especialmente àqueles que a indicaram ao galardão.

Comunicação Rural

O jornalista e escritor José Hamilton Ribeiro foi contemplado pela AEASP como o Destaque em Comunicação Rural. Os engenheiros agrônomos Celso Luiz Rodrigues Vegro e André Luiz Sanches entregaram a placa em homenagem a Ribeiro ao seu representante, o engenheiro agrônomo Dilson Cáceres. Ribeiro não pôde comparecer ao evento por motivos particulares, mas fez questão de telefonar ao presidente da AEASP para agradecer e justificar sua ausência.

Cáceres, representante do jornalista, declarou: “O José Hamilton é uma pessoa fantástica, daquelas que a gente encontra no caminho e se torna amigo para o resto da vida. Ele gostaria de estar aqui, mas, por falta de tempo, não pôde vir”.

Na sequência, leu uma mensagem de Hamilton: “Diretoria da Associação dos Engenheiros Agrônomos, senhoras e senhores, se eu pudesse estar no evento, tenho certeza de que me sentiria em casa. Há pessoas que encontro na rua e que me perguntam se sou engenheiro agrônomo. Respondo que bem que gostaria. A confusão é por causa do trabalho no Globo Rural. Tanto eu quanto os demais da equipe do programa temos respeito muito grande pela atividade de vocês. E não é para menos. Quase tudo o que fazemos lá depende da sabedoria, da competência e da paciência de um engenheiro agrônomo. Graças e boa sorte a todos! José Hamilton Ribeiro”.

Compromisso e representatividade

Angelo Petto Neto, presidente da AEASP, encerrou a solenidade agradecendo a presença de todos e falou sobre os 45 anos da premiação. O engenheiro agrônomo declarou sua satisfação em realizar a Deusa Ceres pela quinta vez consecutiva na Agrishow. “Isso é possível graças à participação da Secretaria de Agricultura, do Instituto Agronômico de Campinas e da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios”, frisou.

Petto destacou a crescente valorização do setor agropecuário pela sociedade enfatizando a responsabilidade do engenheiro agrônomo. “Devemos participar do estabelecimento contínuo da renda do produtor rural e lutar para que as instituições promovam leis e estruturas para exercer a profissão, contribuindo para uma produção sustentável de alimentos”, concluiu o presidente da AEASP. 🙌

PARCERIAS



A Cerimônia da Deusa Ceres em Ribeirão Preto (SP) é fruto da parceria bem-sucedida entre a AEASP e o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP) e a Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea-SP (Mutua-SP), além de várias empresas e entidades patrocinadoras.

O engenheiro agrônomo Alexandre de Sene Pinto, professor titular do Centro Uni-

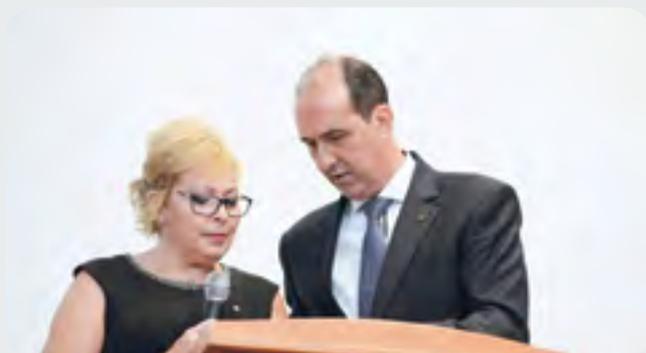
versitário Moura Lacerda e ex-conselheiro do Crea-SP, proferiu uma palestra sobre a importância da anotação de responsabilidade técnica e o acervo técnico para os profissionais de engenharia. O professor observou a relevância crescente da ciência e da tecnologia na agricultura. Ele também ressaltou a importância do profissional da agronomia nesse novo cenário.

Outra palestra importante foi reali-

zada pelo engenheiro agrônomo Pedro Katayama, diretor-geral da Mutua-SP, que, em seu discurso, disse considerar o Prêmio Deusa Ceres como o Oscar da agronomia. Em uma breve apresentação, ele destacou o trabalho fundamental da Mutua junto à categoria, ao oferecer aos associados planos de saúde, auxílio-pecúlio e funeral, dentre outros benefícios sociais.



Henrique Mazotini, Taís Tostes Graziano, Ana Meire C. Figueiredo, Benedito Eurico das Neves, Celso Panzani, José Eduardo A. Testa



Francisca Ramos de Queiroz e Glauco Eduardo Pereira Cortez, da diretoria da AEASP



O Engenheiro Agrônomo do Ano ladeado pelos representantes da AEASP, Henrique Mazotini e Angelo Petto Neto, pelo secretário da agricultura, Arnaldo Jardim, e pelo premiado do ano passado, Aldir A. Teixeira.



O secretário da Agricultura, Arnaldo Jardim, recebe a placa das mãos dos representantes da AEASP, Angelo Petto Neto, Henrique Mazotini, Arlei Arnaldo Madeira, e da AEAARP, Eduardo N. Alencastre e Callil João Filho.



Roberto Rodrigues, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV/EESP e presidente do Conselho do Agronegócio da Fiesp



Luiz Ricardo Viegas de Carvalho, Angelo Petto Neto e Vinicius Marchese Marinelli, presidente do CREA-SP



Comissão organizadora da Deus Ceres: Cristiano Walter Simon, Nelson Matheus, Taís Tostes Graziano, Arlei Arnaldo Madeira, Angelo Petto Neto, Francisca R. Queiroz, Henrique Mazotini, Ana Meire C. Figueiredo, Celso Panzani.

PATROCINADORES



MONSANTO



A AEASP agradece a todos os patrocinadores da 45ª edição da Cerimônia Deusa Ceres

Afonso Peche Filho

O pesquisador, que estuda sistemas eficientes com respeito ao meio ambiente, defende a gestão compartilhada para a conservação de bacias hidrográficas e estradas rurais

Por
Adriana Ferreira

Pesquisador do Centro de Engenharia e Automação do IAC (Instituto Agrônomico), graduado em agronomia pela Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista (1983) e mestrado em engenharia de água e solo pela Universidade Estadual de Campinas (1998), Afonso Peche Filho desenvolve pesquisas relacionadas à avaliação e mitigação do impacto ambiental, provocado pelas atividades antrópicas nas áreas agrícolas.

Nascido e criado na cidade de Tanabi, interior de São Paulo, filho de um funcionário público e de uma dona de casa, cresceu em contato com a agropecuária. "Muitos de meus amigos eram filhos de sitiantes ou fazendeiros. Depois dos 15 anos, vivi intensamente atividades relacionadas com a pecuária, com o café e cereais como milho e feijão", relata o engenheiro agrônomo. Em razão dessa convivência, o desejo inicial de Peche era fazer veterinária, mas entrou para a agronomia e se apaixonou pelo curso.

Casado, pai de três filhos, Peche está há 31 anos no IAC e, atualmente, o foco do seu trabalho é desenvolvimento de modelos de gestão para uma agricultura competitiva com responsabilidade ambiental.

Tem experiência na área de mecanização, com ênfase em qualidade operacional, manejo e conservação do solo, atuando principalmente nos seguintes temas: impactos ambientais, gestão ambiental, plantio direto, gestão da qualidade, produção de grãos, algodão, horticultura, fruticultura, variabilidade espacial, calagem e fertilização.

Está à frente de projetos de pesquisa na área de gestão de recursos hídricos com vistas para a criação de tecnologias e serviços que melhorem o desempenho das propriedades rurais no que tange aos recursos ambientais, especialmente água e solo.

O destaque é para o modelo de "gestão compartilhada", que sugere o envolvimento da comunidade, das indústrias, dos produtores rurais e da população no desenvolvimento de soluções para o armazenamento e tratamento de água. O engenheiro agrônomo também participa de projetos para o Desenvolvimento da Mecanização e Modelos para Gestão Racional de Solo e Água, realizado especificamente em áreas irrigadas de alguns municípios paulistas.

Nos estudos sobre impactos ambientais de ocupação e uso de terras agrícolas, as estradas rurais estão sempre presentes. Na avaliação ambiental de bacias hidrográficas, as condições das estradas são consideradas como fator determinante na qualificação do território. Por isso, nos últimos anos, ele vem também se dedicando às questões da gestão conservacionista de estradas.

Peche fala ao JEA sobre o seu trabalho e os complexos fatores que envolvem uma gestão sustentável, especialmente no que tange às estradas rurais, tão relevantes para a agricultura.



divulgação

■ Como foi seu início na agronomia e quais as áreas pelas quais o senhor mais se interessou ao longo de sua carreira?

Eu queria fazer veterinária, mas não tive competência para passar no vestibular. Quando prestei agronomia, entrei de primeira e me apaixonei de tal forma que a veterinária foi esquecida rapidamente. Naturalmente a zootecnia sempre foi uma paixão, fui monitor da matéria até eu me formar, mas, durante o curso, me dediquei muito às disciplinas relacionadas com o solo e a água em especial, a conservação de solos no qual me dedico até hoje. Depois fui para a Unicamp e fiz o mestrado em engenharia de água e solo e o doutorado inacabado voltado para estudos de impactos ambientais relacionados com a mecanização da ocupação e uso do solo agrícola. Atualmente, estou finalizando o doutorado em ciências ambientais na Unesp, em Sorocaba.

■ Em sua visão, qual o impacto de uma mudança do Centro de Engenharia e Automação de sua atual sede, em Jundiá, para Campinas, conforme deseja o governo do Estado?

São pelo menos dois. Primeiro, vai imobilizar um recurso escasso para adequações das instalações de Campinas, serão gastos recursos que provavelmente serão retirados de outras áreas carentes. Segundo, a cidade de Jundiá, que já tem um setor de pesquisa cambaleante, vai perder um centro único no Brasil em vez de receber investimentos.

■ Qual é a situação das estradas rurais no Brasil e em São Paulo hoje?

Não tenho dados comprobatórios, mas, dificilmente, vejo uma estrada de terra em condições ideais de trafegabilidade. A importância das estradas rurais não pavimentadas é indiscutível. No

Estado de São Paulo, temos milhares de quilômetros de estradas rurais com sérios problemas de conservação e com má trafegabilidade. Nacionalmente, os problemas com conservação de estradas rurais crescem a cada ano, principalmente pela forma inadequada no uso de máquinas, material de pavimentação e drenagem de superfície. Parece que a “arte” de manutenção de estradas de terra é coisa de um passado distante.

■ **O senhor tem dados sobre os prejuízos que estradas vicinais em mau estado causam ao Estado de São Paulo?**

Não tenho dados, mas os prejuízos são evidentes. Quanto custa o assoreamento e a poluição de uma represa ou de um rio? Quanto custa a perda irreversível dos serviços de pavimentação com cascalho? Quanto custa a erosão das áreas lindeiras? Qual é o valor do alto risco de acidentes? Quanto custa atrasos pela dificuldade de trafegabilidade? Enfim, uma coisa é bem certa, os prejuízos causados pela má conservação de estradas rurais são altamente significativos e generalizados pelo território paulista.

■ **Quantos quilômetros de estradas vicinais aproximadamente temos no Estado de São Paulo e quantos seriam necessários?**

Segundo o Departamento de Estradas e Rodagem (DER), em 2016, o Estado de São Paulo tinha oficialmente uma malha da ordem de 161.978 quilômetros de estradas vicinais de terra. Creio que não temos uma necessidade premente de novos trajetos. Temos uma malha viária bem consolidada.

■ **As prefeituras estão preparadas para fazer a sua manutenção?**

Acredito que a grande maioria das prefeituras não possui funcionários capacitados para manutenção de estradas, o que agrava o problema. Mesmo tendo patrulha mecanizada, o serviço municipal não é de boa qualidade. Apesar de o Estado de São Paulo ter uma empresa como a Codasp, não é possível atender à demanda.

■ **O senhor fala em seus artigos de “gestão compartilhada” para os conflitos que envolvem as estradas vicinais. Na prática, como se daria?**

“Gestão compartilhada” é uma proposta alternativa para organizar a comunidade em torno dos benefícios e da responsabilidade de cuidar adequadamente das estradas buscando perenizar uma boa trafegabilidade. Manter a estrada sempre bem cuidada é mais racional e mais barato do que ver ocorrer passivamente a degradação e depois investir um recurso escasso para consertar. A “gestão compartilhada” começa organizando pequenos grupos de usuários de trechos e dividindo responsabilidades de manutenção de acordo com a distância mais utilizada e a área de vizinhança. Aos poucos, todo o espaço da estrada vai sendo preservado e a trafegabilidade, garantida.

■ **Do ponto de vista ambiental, quais são os principais impactos da estrada vicinal e qual seria o modelo ideal de construção para minimizar danos?**

O problema é que grande parte da malha das estradas vicinais de terra está deteriorada, sofrendo um contínuo processo de degradação erosiva, que resulta em grandes quantidades de sedimentos que são arrastados pela enxurrada, terminando quase sempre em assoreamento e contaminação de corpos d’água. O fogo em épocas de seca geralmente começa nas margens de uma estrada que não mantém os aceiros limpos. Uma estrada quando

bem projetada e bem construída fica inserida na paisagem de forma não agressiva, os impactos gerados são mitigados por obras conservacionistas.

■ **Há bons exemplos no Brasil de como se pode ligar a cidade ao campo com respeito ao meio ambiente?**

No Brasil, temos bons exemplos de cidades que têm um planejamento territorial e um modelo de gestão ambiental que permite um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) acima de 0,80. No Estado de São Paulo, podemos destacar Jundiá, que tem boa parte do seu território preservado e um plano diretor que destaca áreas agrícolas como fundamentais para o bem-estar da população. Ilha Solteira também merece destaque pela seu crescimento e desenvolvimento urbano em perfeita sintonia com uma agricultura que preserva água e protege a biodiversidade. Louveira é outro município que trata a sério sua agricultura; essa cidade tem uma das melhores políticas de pagamentos de serviços ambientais do Brasil. No Estado do Mato Grosso, podemos destacar cidades como Lucas do Rio Verde e Sorriso, com política agroambiental em franca evolução.

■ **Fale sobre os projetos que desenvolve na área de gestão de recursos hídricos para tornar as propriedades rurais sustentáveis.**

Desenvolvemos pesquisas relacionadas com entendimento e mitigação de impactos ambientais em bacias hidrográficas. Os estudos têm estreita relação com o potencial de fragilização das terras pelo uso de mecanização. Um fator determinante é desenvolver propostas tecnológicas com base na mecanização conservacionista. A mecanização conservacionista tem como objetivo o emprego adequado dos equipamentos e máquinas agrícolas, para promover transformação no sentido de diminuir a vulnerabilidade do espaço produtivo às chuvas torrenciais, às secas prolongadas, às perdas de resiliência e supressividade. As operações são voltadas para otimização e viabilidade das tecnologias disponíveis com a racionalização dos custos e a preservação dos recursos naturais.

As minhas perspectivas estão na esperança e na certeza de que os municípios deverão rever criteriosamente suas políticas agroambientais, culminando em uma agropecuária mais eficiente e zelosa sobre suas relações com a degradação ambiental de seu território.

■ **Conte-nos sobre sua proposta para desenvolvimento de tecnologias e modelos para gestão racional de solo e água voltados para municípios com áreas irrigadas em expansão.**

Eu venho me dedicando a estudar mais a fundo as relações entre fomento de tecnologias e as reações ambientais do espaço produtivo. As questões que envolvem o fomento da associação de tecnologias da mecanização e irrigação provocaram sérios problemas ambientais e econômicos em municípios brasileiros, como é o caso da região de Guaíra (SP) e Irecê (BA), que tiveram períodos de retrocesso na economia em função dos sérios impactos ambientais causados pela adoção indiscriminada de modelos de produção agrícola irrigada. Não podemos persistir no mesmo erro; a tecnologia é desenvolvida para construir cenários melhores. Não podemos parar de irrigar por problemas de uso inadequado. A minha proposta para o desenvolvimento de tecnologias na engenharia agroambiental envolve a busca de um conjunto de instrumentos práticos, métodos e técnicas que visam à prevenção contra perdas de produtividade e desequilíbrios ambientais. A pesquisa em modelos de gestão busca a inovação para a aplicação prática do conhecimento científico, combinando diversas áreas de pesquisa. 



Inovação no agronegócio eleva patamares de produtividade

Setor continua guiando positivamente o país

Por
Mário Von Zuben

No início da segunda quinzena de maio, o Brasil teve uma das melhores notícias dos últimos dois anos, ante a tudo o que tem acontecido na nossa economia: estima-se que o país saia da recessão em 2017 e tenha crescimento de 0,5% e inflação abaixo de 4%, de acordo com o índice antecipado do Banco Central. Apesar da profunda crise política que traz um alto grau de incerteza a essas projeções, é possível afirmar que o setor do agronegócio será o salvador da pátria, mais uma vez, por representar metade da expansão do PIB neste ano.

Em escala mundial, a produção ainda precisa crescer para dar conta da demanda. Esse mercado em expansão é uma oportunidade de bons negócios, mas é, principalmente, um grande desafio – produzir mais sem destruir o planeta no caminho, trazendo mais inovação e sustentabilidade para o segmento.

A sustentabilidade deve ser vista, portanto, em três dimensões: social, ambiental e econômica. Tanto quanto a necessidade por alimentos, nas últimas décadas, observou-se um aumento significativo das pressões sociais em prol de causas ambientais em praticamente todo o mundo.

Segundo estimativa da ONU, será necessário alimentar mais de 9 bilhões de pessoas até o meio deste século. Para evitar uma crise alimentar em escala mundial, conforme estimativas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), é necessário aumentar a produção em 70%. Nesse cenário, a inovação, em conjunto com práticas sustentáveis no campo, não será apenas lucrativa, mas necessária para a prosperidade da humanidade.

A tecnologia empregada nos defensivos agrícolas ajudou a aumentar a produção agrícola brasileira nas últimas décadas, mas a inovação é, por definição, dinâmica e, portanto, precisa incessantemente de pesquisas. As novas tecnologias que estão no papel agora farão com que o Brasil aumente ainda mais a produtividade agrícola nos próximos anos.

Inovar é preciso

No Brasil, no entanto, a inclinação à inovação ainda é tímida. Uma parcela relevante da nossa competitividade internacional é fundamentada em uma produção que faz uso de recursos naturais.

Sobre os investimentos públicos, 0,61% do PIB brasileiro é destinado ao desenvolvimento de tecnologia, número um pouco abaixo do 0,69% investido em média pelos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Pela iniciativa privada, a diferença entre o Brasil e outros países é ainda maior: apenas 0,55% do PIB é aplicado em pesquisa e desenvolvimento. A Coresul, por exemplo, investe 2,68%.

Apesar de a inovação ser palavra-chave do novo milênio, temos carência na produção tecnológica. É preciso compreender que ampliar a capacidade competitiva do país acarretará em vantagens sociais e ambientais. 

**Engenheiro agrônomo pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), pós-graduado em gestão estratégica de negócios pela Universidade de Calgary, no Canadá, e diretor-executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)*

IAC completa 130 anos

O Instituto Agrônomo (IAC), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, completa 130 anos de atividades em 2017. Para comemorar a data, será realizado um ciclo de eventos, entre os dias 27 e 29 de junho, com a presença do secretário Arnaldo Jardim, na sede do IAC em Campinas.

Criado em 27 de junho de 1887 pelo imperador do Brasil Dom Pedro II, o IAC iniciou seus trabalhos para assistir tecnicamente o desenvolvimento da cafeicultura nacional. Hoje, 90% do café utilizado no Brasil e no mundo é ou provém das cultivares do IAC. Além do Centro de Café, a estrutura do instituto conta com 13 centros de pesquisa, sendo oito em Campinas e outros cinco nos municípios de Ribeirão Preto (cana-de-açúcar), Cordeirópolis (citros), Votuporanga (seringueiras e agroambientais) e Jundiá (frutas, engenharia e automação). As unidades contam com 154 pesquisadores, 350 funcionários e 500 colaboradores, bem como alunos de pós-graduação nos cursos de agricultura tropical e subtropical.

Fortaleça a categoria



Ao preencher a Anotação de Responsabilidade Técnica (ART), o engenheiro agrônomo não deve esquecer de registrar no campo 31 do formulário o número 58. Desta forma, o profissional estará ajudando a AEASP a obter mais recursos, que serão revertidos em benefício da categoria agrônômica. Se o emissor deixar o campo 31 em branco, a alíquota não é repassada à nossa entidade.

Os tipos de ARTs específicas para o engenheiro agrônomo são as de Obras, Serviços, Receituário Agrônomo, Desempenho de Cargo/Função e Crédito Rural.

Segurança alimentar

Membros da sociedade civil, representantes da cadeia produtiva agropecuária e de órgãos governamentais que integram as Comissões Regionais de Segurança Alimentar e Nutricional (CRSANS) se reuniram no dia 5 de abril de 2017 para traçar novas estratégias de fortalecimento das políticas públicas de segurança alimentar no âmbito estadual e municipal.

A 44ª Reunião Ordinária do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Consea-SP), órgão ligado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento, ocorreu na sede da pasta, na capital, com a presença de conselheiros das regionais de Araçatuba, Baixada Santista, Franca, Grande São Paulo, capital, Marília, Presidente Prudente, Registro, São José do Rio Preto e São José dos Campos, que atendem um total de 367 municípios paulistas. Também participaram do encontro representantes da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), e das secretarias estaduais de Desenvolvimento Social, da Educação, do Emprego e Relações do Trabalho, do Meio Ambiente e da Justiça e da Defesa da Cidadania. A AEASP esteve representada pelo diretor Nelson de Oliveira Matheus.

Concurso Josué de Castro

Durante a reunião, também foram formados a comissão organizadora e o júri do Concurso Josué de Castro de Combate à Fome e à Desnutrição, que será realizado pelo Consea-SP, em 16 de outubro de 2017. O objetivo é premiar a formulação de soluções concretas para o combate à fome e a promoção de segurança alimentar e nutricional. As inscrições poderão ser realizadas entre os dias 17 de julho e 18 de agosto.

Novos projetos de pesquisa

O edital de R\$ 120 milhões da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), exclusivo aos 20 institutos de pesquisa estadual, foi comemorado por pesquisadores e diretores dos seis institutos de pesquisa ligados à Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. O lançamento do edital ocorreu em 25 de maio de 2017, no Palácio dos Bandeirantes. A expectativa é de abertura de novos projetos de pesquisa, melhoria da infraestrutura e contratação de bolsistas pelos institutos.



FUNDAÇÃO AGRISUS agricultura sustentável

Financia projetos de:

- Educação individual (bolsas e viagens);
- Educação coletiva (eventos, publicações);
- Pesquisas técnicas, com o objetivo de melhorar a fertilidade sustentável do solo com ambiente favorável.

www.agrisus.org.br

A olivicultura tem futuro no Brasil?

O que existe de concreto e o que se pode esperar desse segmento

Por

Adriana Ferreira

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) divulgou recentemente a criação da Comissão Permanente da Olivicultura Brasileira e declarou que a organização da cadeia produtiva do azeite é uma das prioridades do órgão para este ano. A comissão está reunindo informações para publicar Norma Técnica Específica (NTE) do setor, estabelecendo padrões para a produção.

A iniciativa faz parte de um movimento de retomada da cultura dos olivares no país que começou há cerca de dez anos. Não é a primeira vez que o Brasil se lança nesse setor. Desde o Império, quando Dom Pedro introduziu a cultura no país e Portugal mandou destruir os olivares para evitar concorrência com a metrópole, foram pelo menos três tentativas em diferentes momentos da história. Todas falharam. Porém, ao que tudo indica, agora há uma disposição geral para fazer o segmento avançar.

A pesquisadora Edna Bertoncini, coordenadora do projeto Oliva SP do Polo Regional Centro-Sul da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), acredita que desta vez a olivicultura brasileira deslança. “Agora há mais pesquisa e técnica. Das outras vezes, vinham pessoas do exterior e tentavam implantar um pacote tecnológico que não se adaptava às nossas condições e fracassava. Depois dos EUA, somos o segundo maior importador de azeite, ou seja, temos um mercado gigantesco pela frente. As pessoas estão vendo possibilidade de implantar uma cultura que agregue valor. E os grandes produtores, que fizeram altos investimentos, não vão voltar atrás de jeito nenhum”, argumenta ela.

A atividade vem crescendo especialmente no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e em São Paulo, que, segundo dados divulgados pelo MAPA, cultivam uma área de 5 mil hectares de oliveiras e geram cerca de 5 mil empregos diretos e indiretos.

As regiões Sul e Sudeste são as mais propícias ao cultivo por causa das temperaturas mais baixas em altitudes acima de mil metros do nível do mar. O Brasil também processa a azeitona, contando com seis indústrias que atuam em 74 municípios. Conforme dados do MAPA, a produção do azeite de oliva, em 2017, está estimada em 60 mil litros, o dobro dos 30 mil litros de 2016, quando o setor foi prejudicado pelo excesso de chuvas.

Pioneira nas pesquisas em olivicultura no Brasil, especialmente

na seleção de variedades e produção de mudas mais adequadas às condições brasileiras, a Epamig se dedica há mais de 30 anos ao estudo desse fruto na Fazenda Experimental de Maria da Fé, no sul do Estado. De acordo com a empresa, a safra de 2017 da região Sudeste – que tem 70% da produção localizada em Minas Gerais e o restante em São Paulo – rendeu 365 toneladas de azeitonas e 42 mil litros de azeite.

Segundo o pesquisador e coordenador da Extração de Azeite na Fazenda Experimental, Luiz Fernando de Oliveira, a atuação da Epamig foi muito importante para que a olivicultura despontasse como atividade promissora nessa nova fase. O trabalho envolveu três momentos. O desenvolvimento da tecnologia para a produção de mudas, o estudo das espécies a serem plantadas, de acordo com características locais, e a etapa final, com a construção da indústria na Fazenda Experimental.





foto: divulgação



Edna Bertoncini, coordenadora do projeto Oliva SP

Ele ainda acrescenta que muitos produtores paravam na colheita, não sabiam que destino dar aos frutos de seus plantios. “O maquinário italiano, adquirido pela Epamig, para extração e processamento, possibilitou que o produtor tivesse a certeza de que todo o seu trabalho poderia ser finalizado com a produção do azeite”, afirma.

Já o Estado de São Paulo possui de 30 a 40 produtores e uma boa perspectiva de crescimento, conforme afirma a pesquisadora da APTA. Mas para que todas as regiões produtoras possam consolidar a cadeia produtiva do azeite, a pesquisadora calcula ainda que leve uma década. Os principais municípios paulistas no cultivo das oliveiras são Campos do Jordão, São Bento do Sapucaí, Joanópolis, Roseira e Águas da Prata.

O projeto Oliva SP, coordenado por Edna, surgiu em 2011 com o objetivo de viabilizar a exploração comercial da cultura da oliveira no Estado e, posteriormente, na região Sudeste. Multidisciplinar e interinstitucional, ele foi dividido em etapas, nas quais busca respostas para os principais fatores de desenvolvimento da olivicultura. Os estudos contemplam desde a melhor cultivar até técnicas de colheita, manejo, processamento e análise de produtos e estudo de mercado para o azeite e a azeitona.

Expectativa

Apesar da euforia e da propaganda em torno do azeite brasileiro, o país

ainda se encontra em um estágio inicial e a cadeia produtiva precisa ser estruturada. Enquanto isso não acontece, já tem gente desembarcando do sonho e abandonando seus olivares.

“Os pequenos produtores estão saindo e quem vai permanecer no mercado são os grandes, pois é uma cultura cara para implantação e manutenção. A gente já vê muitos olivicultores descapitalizados e abandonando os pomares. É caro manter uma cultura por quatro, cinco ou seis anos, muitas vezes sem produção ou com baixa produtividade e sem lucratividade”, comenta a pesquisadora da APTA.

Sócios da Fundação Oliveiras do Brasil, os engenheiros agrônomos Ramute Jaloveckaite e Celso Camilo Ribeiro estudam os olivares há dez anos e acompanham a evolução do segmento, por isso identificaram as dificuldades que os produtores vinham apresentando. Para atender a essa demanda, ano passado, criaram a fundação, que oferece assistência técnica aos empreendedores. “Plantamos e assistimos tecnicamente mais de 80 ha (sempre pequeno produtor) de olival”, conta Ramute, que é lituana, mas mora no Brasil há 17 anos. Eles atuam na região da Serra da Mantiqueira, em municípios paulistas e mineiros.

Diferentemente de Edna, os sócios da Fundação Oliveiras entendem que, para estruturar o mercado, é preciso criar modelos de negócio em três vertentes. “Primeiro, atender o agricultor

foto: divulgação



Luiz Fernando de Oliveira, coordenador da Extração de Azeite na Fazenda Experimental da Epamig



foto: arquivo pessoal



Ramute Jaloveckaite, sócia da Fundação Oliveiras do Brasil



familiar nas regiões montanhosas: cultivo convencional, valorizando a peculiaridade dos sabores dos azeites – o que está dando muito certo até agora. Segundo, nível intensivo, para a produção em escala, com vistas a atender supermercados. E, terceiro, um nível superintensivo, onde se crie regiões produtoras de azeite”, explica Ramute.

Eles também questionam a forma como a olivicultura tem sido retratada na imprensa e os números divulgados por organizações do meio. “A mídia divulga fatos e números fantásticos, porém inexistentes. A olivicultura está crescendo, mas com alto custo para os investidores, que nem sequer fizeram as contas da viabilidade econômica do negócio”, salienta Ribeiro.

Os dados, inclusive aqueles que a Epamig propaga, também são contestados pela pesquisadora da APTA. “A gente entende a posição deles de querer incentivar, mas tem de ir com calma porque senão você cria a ilusão nas pessoas de que é fácil”, adverte Edna.

Ramute e Ribeiro orientam os iniciantes a terem, primeiramente, um plano de negócio. “É importante o planejamento desde o plantio até a extração e o lançamento de produto e ter conhecimento de toda a cadeia produtiva do azeite”, ressaltam. Por fim, indicam a leitura do livro *Extravirgindade – o sublime e escandaloso mundo do azeite de oliva*, de Tom Mueller.

Realidade

Os especialistas entendem que há muito trabalho pela frente para organizar o mercado. “Já avançou bastante, em um estágio que não tem mais volta. Mas ainda falta, por exemplo, estruturar pacotes tecnológicos para cada região”, diz a coordenadora do Oliva SP.

Em linhas gerais, os produtores reivindicam políticas públicas para viabilizar o segmento, tais como regulamentação e padronização de mudas, com controle mais rígido e normas para estimular a fabricação e a comercialização do azeite nacional. “Estamos com um sério problema de doenças em viveiros de mudas. Já levamos essa questão ao Ministério da Agricultura, mas até o momento o órgão não apresentou nenhuma ação”, diz Edna.

Outro problema a ser enfrentado é a determinação do registro dos pesticidas para oliveiras. Segundo a pesquisadora, “todos os pesticidas utilizados na cultura estão irregulares”.

O estabelecimento de regras para equilibrar a concorrência é outro aspecto fundamental. “Enquanto não houver fiscalização maior, com controle de qualidade mais rígido, não conseguiremos competir com azeites que vêm do exterior, muitas vezes fraudados e até impróprios para uso”, denuncia a coordenadora da APTA.

O sócio da Oliveiras do Brasil destaca ainda que, para uma boa produção, é preciso aliar condições edafoclimáticas e topográficas que favoreçam o desenvolvimento de uma olivicultura moderna. Também são necessários incentivos fiscais ao produtor, assistência técnica e pesquisa, pois o custo final de um litro de azeite produzido aqui é maior que o do produto importado. “O Brasil deveria seguir o exemplo do Chile, diminuir ou isentar de ICMS o comércio dos azeites nacionais. Em São Paulo, o produto é tarifado em 18%”, reforça o especialista.

Ele lembra que o Brasil consome em média 50 mil toneladas de azeite anualmente e que não atendemos nem a 1% dessa demanda. “Em minha opinião, no estágio em que se encontra a olivicultura nacional, deveríamos ter foco em produtos gourmets, oferecendo e promovendo azeites extravirgens diferenciados na qualidade, sabor e aroma para um nicho de consumidores exigentes. O próximo passo seria aprender a produzir azeitona e azeite em larga escala”, avalia o engenheiro agrônomo.

Ramute e Ribeiro também acreditam que o Brasil não deve aderir às regras da Confederação Internacional de Olivicultura (COI). Segundo eles, os parâmetros da organização não são confiáveis.

De maneira geral, a cadeia produtiva do azeite também pode oferecer boas oportunidades de trabalho para engenheiros agrônomos. Aqueles que se identificam com essa cultura devem buscar conhecimento para atender à demanda dos produtores, que deve crescer nos próximos anos. Apesar dos desafios, há um consenso sobre as perspectivas de consolidação da olivicultura no país. 🙌



foto: arquivo pessoal

Celso Camilo Ribeiro, sócio da Fundação Oliveiras do Brasil



■ Benefícios Reembolsáveis*



Apoio Flex



Educação



Empreendedorismo



Ajuda Mútua



Agropecuário



Férias Mais



Equipa Bem



Construa Já



Imobiliário



Propriedade Intelectual



Inovação



Veículos



Garante Saúde



Energia Renovável



Família Maior



Assistencial Express



Aporte Prev

juros a partir de
0,3% a.m.

+INPC médio
dos últimos 12 meses.

*Disponível apenas para
Sócio Contribuinte
e dependentes.

Entre em contato com a Mútua-SP e tenha todas as informações para se tornar Sócio Contribuinte.

Sistema

CONFEA Conselho Federal de Engenharia e Agronomia



CREA Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia



MUTUA-SP

CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA

Rua Nestor Pestana, nº 87- Sobreloja- Consolação- São Paulo-SP

Telefone: 0800 770 5558 / (11) 3257-3750 - www.mutua-sp.com.br | mutua-sp@mutua.com.br

Facebook: /MutuadeAssistencia | Twitter: @comunicaMutua

■ Previdência Complementar



TecnoPrev

Administrado por

BB PREVIDÊNCIA

É o plano fechado de previdência complementar exclusivo aos mutualistas e dependentes. Cada participante possui uma conta segregada do patrimônio dos outros participantes, da Mútua e da BB Previdência. **Seja participante!**

■ Convênios

O associado da Mútua ganha descontos em diversos estabelecimentos como hotéis, cursos, clínicas de estética e muitos outros, além de descontos nas melhores marcas do *e-commerce* brasileiro. **Aproveite!**



■ Plano de Saúde

Planos de saúde com cobertura nacional com livre escolha, rede médica completa e todas as coberturas previstas pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), além de procedimentos adicionais.



Qualicorp

■ Benefícios Sociais

- Pecuniário
- Pecúlio
- Auxílio funeral



MUTUA

Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea



GECOM2016



No Jubileu de Rubi da Mútua, a Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea faz questão de lembrar a importância de garantir qualidade de vida a todos os profissionais da área tecnológica.

São mais de 15 benefícios reembolsáveis e sociais exclusivos e extensíveis a dependentes, plano de saúde, previdência complementar com taxas reduzidas e descontos nas melhores marcas nacionais e regionais.

Para ter acesso a tudo isso, basta associar-se como Sócio Contribuinte.

-  www.mutua.com.br
-  /MutuadeAssistencia
-  @comunicaMutua
-  TV Mútua
-  Mútua

CONFEA  **CREA**
Conselho Federal de Engenharia e Agronomia Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia



MUTUA-SP
CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA

Mútua-SP: Rua Nestor Pestana, 87 - Sobreloja - Consolação - São Paulo-SP - CEP.: 01.303-010
Ligue 0800 770 5558